

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

ESTADO ATUAL DO CONHECIMENTO ACERCA DO POVOAMENTO EM ÉPOCA ROMANA NA AMADORA

Gisela Encarnação¹, Vanessa Dias²

RESUMO

Com o presente artigo iniciaremos um estudo de carácter desenvolvido sobre a presença romana no atual território do concelho da Amadora. Analisaremos os sítios conhecidos e escavados nas últimas décadas, e os fragmentos arqueológicos deles provenientes, em busca de respostas: Quando chegaram os contingentes romanos? Como ocorreu a sua instalação? Que tipo de povoamento existiu? Como exploraram o território?

Palavras-chave: Amadora, Arqueologia, Romano, Povoamento.

ABSTRACT

With this article we will begin an intensive study on the Roman presence in the present territory of Amadora city. We will analyze the identified and excavated sites in the last decades, and the archaeological remains recovered, in search of answers: When did the roman contingent arrive? How did their installation occur? What kind of settlement? How they explored the territory?

Keywords: Amadora, Archaeology, Roman, Settlement.

1. INTRODUÇÃO

Os trabalhos arqueológicos realizados nos últimos anos na *villa* romana da Quinta da Bolacha, na Serra de Carnaxide – Via F, na Quinta da Lage / Quinta do Estado, e mais recentemente, no Moinho do Castelhinho, sempre de cariz de emergência, permitiram recuperar dados importantes sobre os largos séculos de povoamento romano no concelho da Amadora. A estes junta-se a informação recuperada em trabalhos de prospeção e escavação antigos, sobretudo os desenvolvidos no aqueduto romano de *Olisipo* e na *villa* romana da Quinta da Bolacha.

O desenvolvimento do projeto “PERA – Povoamento em Época Romana na Amadora”, entre 2017 e 2020, permitirá a realização de ações de escavação e prospeção e a análise de espólios artefactuais e osteológicos, que permitam perceber a forma como se operou a chegada dos contingentes romanos ao atual concelho da Amadora, bem como o modelo de povoamento e exploração de recursos existentes.

2. O QUE SABEMOS SOBRE A OCUPAÇÃO EM ÉPOCA ROMANA NA AMADORA?

O conhecimento acerca do povoamento romano no atual concelho da Amadora tem aumentado nos últimos anos, sobretudo, devido ao trabalho desenvolvido pela Câmara Municipal da Amadora / Museu Municipal de Arqueologia.

Foram vários os sítios escavados desde meados dos anos 90 do século XX, sempre com o objetivo de perceber e estruturar os moldes em que se operou a ocupação e exploração do território durante e depois da sua romanização (Figura 1).

2.1. *Villa* Romana da Quinta da Bolacha

A *Villa* Romana da Quinta da Bolacha, classificada como Imóvel de Interesse Público desde 2012, localiza-se na freguesia da Falagueira – Venda Nova, foi descoberta em 1979, por António Gonzalez e João Cravo, e até à data já se realizaram oito campanhas de escavação na sua área de implantação. A es-

1. Câmara Municipal da Amadora/Museu Municipal de Arqueologia; Gisela.Encarnacao@cm-amadora.pt

2. ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora; vsitimadias@gmail.com

cavação demonstrou que esta *villa*, cuja construção se situa no século III, terá tido uma fase de remodelação, e no início século VI é abandonada (Figura 2). A primeira intervenção arqueológica ocorreu em 1980, na área não murada da quinta agrícola. Nestes trabalhos foi identificado um tanque com canalização de chumbo e revestimento a *opus signinum* (ENCARNAÇÃO, 2003, p.107).

Devido ao vandalismo infligido a estes vestígios arqueológicos, os trabalhos foram interrompidos até abril de 1997, altura em que o GAU – Gabinete de Arqueologia Urbana realizou diversas sondagens de emergência na área que seria afetada pela construção de um supermercado e onde ainda não tinha sido feito qualquer trabalho (ENCARNAÇÃO, 2003, p.107). Tendo em conta as dimensões da área a intervir, esta foi dividida em cinco setores de acordo com as suas características físicas, tendo-se concentrado os trabalhos no Setor I, já que seria o mais afetado pela construção do edifício.

Foi precisamente nesse setor, que surgiu o maior número de vestígios arqueológicos, nomeadamente uma parede construída em pedra calcária aparelhada, de média e grande dimensão, pertencente a um compartimento de ocupação pouco clara, que conservava estuque pintado na zona inferior da parede, cuja decoração era composta por bandas de cor cinzenta e vermelha.

Paralelamente foi colocado um dreno, de construção cuidada, e diversas ramificações instaladas posteriormente, que ocupavam uma grande parte da quadrícula até então escavada (Figura 3).

Ao nível do espólio arqueológico, recolheram-se, nos contextos de revolvimento, materiais da Idade do Bronze, como elementos de foice denticulados em sílex, inúmeros numismas romanos, portugueses e inclusive um islâmico, bem como cerâmica comum e fina, e ainda diversos elementos de construção.

Igualmente, neste setor, foram identificados contextos romanos intactos atribuíveis aos finais do séc. III e séc. IV.

Perante a qualidade dos vestígios descobertos, estabeleceu-se um acordo com os proprietários que levou à reformulação da implantação do edifício, colocando-o na zona do terreno em que as sondagens arqueológicas não tinham revelado quaisquer estruturas, acordando-se ainda, o acompanhamento das movimentações de terras aquando da construção do edifício, o que veio a acontecer no ano seguinte, em 1998.

No topo norte e noroeste da nova sondagem surgiram 5 estruturas bastante destruídas, onde apenas foi possível identificar o tipo de aparelho utilizado, que se assemelha ao da estrutura do Setor I. Também aqui o projeto arquitetónico foi modificado, reduzindo-se o número de estacionamentos, de modo a preservar os vestígios.

Procedeu-se à escavação de duas das estruturas, com quadrículas de 2x2m orientadas a norte, de acordo com a metodologia utilizada na primeira campanha. Em ambas se confirmou o elevado estado de destruição do alicerce das paredes. Estratigraficamente não se identificou nenhum contexto romano, apenas alguns materiais dispersos à mistura com outros de cronologias mais recentes.

No seguimento do pedido de classificação da *villa* romana da Quinta da Bolacha, entregue ao IPPAR em novembro de 1996, e da escassa informação que se obteve nas campanhas de 1997 e 1998, tornou-se necessário dar seguimento aos trabalhos de escavação, de forma a delimitar a área de dispersão dos vestígios arqueológicos e a interpretar as estruturas identificadas nas campanhas anteriores (ENCARNAÇÃO, 2003, p.109).

Deste modo, alargou-se a área escavada em 1997, pertencente ao Setor I, e iniciou-se a escavação do Setor III (topo norte do edifício); neste último e ao contrário da análise efetuada inicialmente, verificou-se que o contexto de destruição correspondia, não a um nível romano, mas sim a lixos e entulhos dos séc. XVIII, XIX e XX, que se encontravam por cima das fundações romanas, datadas, devido à presença de uma moeda, da segunda metade do séc. III. Estes entulhos resultaram do trabalho de aproveitamento da pedra para a construção de habitações na Aldeia da Falagueira, colocando num momento mais recente a sua destruição (ENCARNAÇÃO, 2003, p.109).

No Setor I, com o decorrer dos trabalhos, foi possível delimitar um dos lados do compartimento, pôr a descoberto a continuação da rede de drenos e uma outra parede onde se adossou uma lareira; pela junção destes dados e dos materiais recolhidos, nomeadamente grandes contentores de armazenamento, ânforas e um par de mós, julgamos estar perante uma cozinha, embora esta não deva ter sido a função inicial deste espaço, cujas remodelações são perceptíveis no registo arqueológico.

Este espaço inicialmente, seria de maiores dimensões, possuía uma coluna central feita em pedra calcária aparelhada e revestida a estuque pintado,

tal como as paredes, de acordo com o verificado na campanha de 1997. Os escassos objetos destacáveis são agulhas e alfinetes de cabelo em osso e moedas, que se poderá atribuir ao final do séc. III e primeira metade do IV.

Durante a remodelação deste compartimento, foi utilizado todo o material disponível, inclusive estuque pintado, pequenos fragmentos de calcário de diversas cores, correspondentes a restos de talhe de tesselas, inutilizando-se ainda um tanque com revestimento em *opus signinum*.

Nas proximidades da parede onde se encontra a lajeira, e num dos níveis de abandono do espaço em que se verificou o derrube da estrutura, foi identificado um enterramento de um neonato, sob uma telha, sem qualquer espólio, efetuado em época bastante tardia.

Em dezembro de 2003, e no seguimento de obras de impermeabilização de uma das paredes do edifício do supermercado LIDL, verificou-se a destruição parcial das estruturas romanas postas a descoberto no Setor III. Neste âmbito, foram realizados trabalhos arqueológicos de emergência, com o objetivo de avaliar o impacto destrutivo das referidas obras. Verificou-se que o impacto não foi tão destrutivo, como inicialmente se presumia e colocou-se a descoberto duas novas estruturas, com relação com as identificadas anteriormente.

Dada a relevância deste sítio para o conhecimento da presença romana na região de Lisboa, o seu espólio foi estudado em 2014, pelo investigador José Carlos Quaresma, no âmbito do seu trabalho de Pós-Doutoramento, com o tema “As importações finas na Ammaia (São Salvador de Aramenha, Marvão), no contexto comercial de importação e de exportação do espaço central e sul da Lusitânia, entre os séculos I/II e VI/VII d.C.: relações com a Hispânia e o Mediterrâneo”. O autor, através do estudo do espólio, definiu quatro fases de ocupação: 1ª Fase: 270 – 300 d.C.; 2ª Fase: 425 – 475 d.C.; 3ª Fase: Fim do séc. V – Início do VI d.C. e 4ª Fase: 500 – 525 d. C. (QUARESMA, no prelo).

O estudo do espólio recuperado no Moinho do Castelinho demonstra que os enterramentos aí localizados, se incluem nas balizas cronológicas de ocupação desta *villa*, podendo o sítio representar a necrópole deste complexo habitacional.

Em fevereiro de 2013 verificaram, os técnicos do Museu Municipal de Arqueologia, o surgimento, à superfície, de estruturas constituídas por pedra cal-

cária aparelhada, num caminho de terra batida existente nas proximidades da *villa* romana da Quinta da Bolacha.

Esta situação, provocada pela passagem constante de viaturas ligeiras e pesadas, neste local, obrigou à realização de trabalhos de emergência em maio de 2014 no designado, setor IX. Identificaram-se três contextos térreos e uma estrutura em forma de abside, de matriz regular, constituída por pedras calcárias aparelhadas de média e pequena dimensão, cuja união é feita com argamassa. Esta apresenta um diâmetro máximo de cerca de 5 metros e pertencerá a uma sala da *pars* urbana da *villa* da Quinta da Bolacha (ENCARNAÇÃO, 2015b).

2.2. Moinho do Castelinho

O sítio do Moinho do Castelinho é referido, pela primeira vez, como local com vestígios arqueológicos, na década de 60, do século XX, por António dos Santos Coelho que descreve o local da seguinte forma: “Seguindo o caminho para a Serra do Marco, além da Falagueira, há um alto monte, elevação íngreme, onde existia um moinho que hoje serve de habitação. Um pouco abaixo desse moinho fica a “torração” dos ossos e, em baixo, no sopé do monte, antes de chegar ao caminho, em terreno de pouco declive, é aí nesse local que houve outrora um cemitério, talvez em épocas já remotas, não havendo por esses sítios ninguém, velhos ou novos, que dessa notícia de ter ouvido falar da sua origem ou fundação. As campas que pelo andar dos tempos se foram encontrando eram feitas com paredes em forma de caixa, por cima cobertas com lajes. Ao que parece, nas escavações que se têm feito ao acaso, quando se encontram essas campas também aparecem objetos de barro e moedas de cobre em estado de se não poderem ler” (Coelho, p.22) (Figura 4).

Conhecem-se ainda outros testemunhos de habitantes locais que referem o aparecimento de ossadas no momento da plantação do olival que ainda aí se encontra.

No âmbito da prospeção realizada, em 1979, em torno da *villa* romana da Quinta da Bolacha, João Cravo recolhe, à superfície, alguns fragmentos de cerâmica, entre eles, cerâmica de verniz negro (CRAVO, 1979, p. 24 e 25).

Desde essa altura foram realizadas diversas prospeções a cargo da ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora, recolhendo-se raros materiais de cronologia romana.

Com a criação do Gabinete de Arqueologia Urbana, em 1995, diversas foram as tentativas de contactar o proprietário no sentido de obter autorização para a realização de trabalhos arqueológicos, tarefa que se verificou inexecutável.

Em 2009, no decorrer de prospeções de rotina no local, foi identificada, no corte aberto para a construção de uma pista de ciclo turismo, uma camada arqueológica que, entre outros, continha materiais de cronologia romana nomeadamente: fragmentos de cerâmica *terra sigillata*; de uma lucerna; de telhas; de cerâmica comum e fauna.

As primeiras sondagens de diagnóstico foram realizadas entre outubro de 2011 e janeiro de 2012, e confirmaram a existência de ocupação humana no local, nomeadamente um enterramento, uma estrutura e um empedrado. Levando à continuidade dos trabalhos no verão de 2012, permitindo a identificação de mais dois enterramentos de cronologia romana, e compreender o prolongamento da estrutura e do empedrado do século XVIII (ENCARNAÇÃO, 2012).

Para além destes dados, foram ainda identificadas lajes calcárias em três sondagens que pareciam indicar a existência de mais três enterramentos, mas de cronologia posterior, bem como vestígios de uma ocupação romana republicana desconhecida, até ao momento, no Município da Amadora e que importava esclarecer (*Ibidem*).

De 2013 para 2014 foram identificadas mais 12 sepulturas, verificando-se uma grande concentração na área este do Setor II, sendo evidentes as diferenças estruturais entre elas, a que não é possível associar padrões para cronologias, géneros ou idades. As ligeiras diferenças na orientação poderão estar associadas à sua construção em diferentes alturas do ano (ENCARNAÇÃO, 2013; 2014) (Figura 5).

Apesar da grande afetação da Fábrica dos Ossos e do plantio de oliveiras neste local, a construção das sepulturas na rocha de base permitiu a preservação de um conjunto significativo de sepulturas, apesar da ausência de cobertura, em muitas delas, poder estar relacionada com a referida afetação (*Ibidem*).

A penúltima intervenção arqueológica, desenvolvida em 2015, possibilitou a recuperação de dados que nos permitem saber mais acerca das duas ocupações distintas e diacrónicas daquele espaço em época romana: a área habitacional e a necrópole (ENCARNAÇÃO, 2016).

Verificou-se a existência de contextos *in situ* (silo e empedrado) correspondentes ao espaço habitacio-

nal nos Setores III e IV, evidenciando que a área de ocupação mais antiga se prolongaria para este (ENCARNAÇÃO *et al*, 2016).

No que diz respeito à necrópole, foram identificadas sete novas sepulturas e escavadas cinco. Percebeu-se que o espaço sepulcral também se estende por toda a zona sul e sudeste do Moinho do Castelinho, sendo que a afetação promovida pela Fábrica dos Ossos teve maior incidência na área onde foi implantado o Setor II, uma vez que nas outras áreas as estruturas funerárias estão em melhor estado de conservação (*Ibidem*).

Com base na análise e estudo dos materiais recolhidos foi possível situar a primeira fase, de âmbito habitacional, entre os finais do século I a.C. e os finais do I d.C. A segunda fase, de carácter funerário, onde se identificaram, até à data, 25 sepulturas, está situada entre meados do século III e do V d.C. (*Ibidem*).

A hipótese deste sítio estar relacionado com a ocupação romana da *villa* da Quinta da Bolacha parece-nos cada vez mais provável, correspondendo à sua necrópole. Além da clara proximidade dos sítios, o cruzamento dos dados do estudo pormenorizado da cerâmica fina e ânforas provenientes dos contextos romanos escavados na *villa*, desenvolvido por José Carlos Quaresma e dos dados por nós recolhidos e analisados sobre os materiais recuperados nas sepulturas do Moinho do Castelinho, comprovam uma contemporaneidade no funcionamento de ambos os sítios, ou seja, finais do século III a século V, face aos estudos desenvolvidos até então (*Ibidem*).

2.3. Aqueduto Romano de *Olisipo*

Francisco d’Holanda, foi o primeiro a dar notícia da existência de uma barragem construída em época romana, numa missiva dirigida ao Rei D. Sebastião em 1571. A barragem ligaria com o Aqueduto descoberto em 1979 na freguesia da Mina de Água, na Amadora. Esta estrutura, em vias de classificação, foi em grande parte afetada pela construção do Aqueduto das Águas Livres no século XVIII, que seguiu o seu traçado primitivo (VIEGAS e GONZALEZ, 1996, pág. 3) (Figura 6).

Em 1979 e 1992 foram realizados trabalhos de localização e escavação que comprovaram a importância deste aqueduto, com a identificação de catorze troços que possibilitou a reconstituição parcial do seu traçado (VIEGAS e GONZALEZ, 1996). Esta grande estrutura foi construída respeitando e aproveitando o desnível do terreno, fazendo com que a descida da

água fosse feita de forma natural. Foi construída em *opus caementicium* e possui uma caleira de forma retangular, cujo interior é revestido a *opus signinum*, com rodapé de ambos os lados em meia-cana (VIEGAS e GONZALEZ, 1996, pág. 5 a 8) (Figura 7). Esta estrutura encontra-se em vias de classificação desde 2012.

2.4. Serra de Carnaxide – Via F

O sítio designado por Via F, na Serra de Carnaxide, foi descoberto e escavado em 2009, no âmbito de um projeto de urbanização do espaço da antiga Marconi, a sul do cemitério da Amadora, que levou à realização de ações de salvaguarda no sítio.

A identificação dos vestígios deu-se no decorrer dos trabalhos de prospeção nos arruamentos abertos mecanicamente, no âmbito de um loteamento proposto para o local, situando-se nas proximidades de uma via, numa zona onde era visível, em corte, uma estrutura em alvenaria de pedra calcária (Figura 8).

No decorrer dos trabalhos de escavação, foi possível identificar uma estrutura de pedra aparelhada, de forma retangular, em elevado estado de destruição. No interior desta estrutura identificaram-se canais de drenagem, que se desenvolviam desde o lado este do edifício, onde ainda se conserva o piso empedrado, e também, um sarcófago em calcário.

No exterior do recinto, a este, foram exumadas quatro sepulturas de adultos, duas coletivas e duas individuais, uma coletiva e uma individual de imaturos, implantadas em covachos escavados no substrato rochoso (Figura 9).

O espólio recolhido é, sobretudo, de cronologia romana e está concentrado numa pequena área afastada do edificado, onde se recolheram cerca de 46 numismas (Séc. I d.C. a V d.C.) e fragmentos de cerâmica *terra sigillata*. As peças mais tardias são de características toscas, produzidas a torno lento ou manualmente e correspondem ao momento em que foram realizados os enterramentos paleocristãos, e aparecem, sobretudo, associadas à estrutura.

A leitura destes dados permite perceber que a ocupação deste sítio, em época romana desenvolveu-se em duas fases distintas, a primeira, durante o séc. I d.C., comprovada pela presença de moedas, vidros e cerâmica *terra sigillata*, e a segunda em época paleocristã, enquanto necrópole, quando a estrutura é remodelada, e passa a funcionar como espaço de culto, encontrando-se no seu interior um sarcófago em pedra calcária.

2.5. Casal de São Brás

A necrópole paleocristã do Casal de São Brás situa-se na freguesia da Falagueira – Venda Nova, a sul do Casal de São Brás. Foi implantada no topo este da elevação do Monte da Rascoeira, local com destaque pela grande abrangência territorial e paisagística que proporciona (ENCARNAÇÃO e DUARTE, 1999, p.3) (Figura 10).

O sítio foi localizado no decorrer de uma ação de prospeção em Maio de 1999, tendo-se observado, em corte, a existência de uma sepultura escavada na rocha, coberta com lajes afeiçãoadas de calcário, que se designou de sepultura 1 (ENCARNAÇÃO e DUARTE, 1999, p.4).

O substrato local, de natureza basáltica, serviu de base à construção das nove sepulturas que constituíam esta necrópole, todas elas de estruturação semelhante: covacho estruturado, de cariz antropomórfico, em forma de caixa e com molduras laterais. Todas elas apresentam orientação oeste-este. Todas as estruturas tumulares de adultos são individuais. Os espaços coletivos foram reservados à deposição de crianças. Os esqueletos encontravam-se em decúbito dorsal, variando a posição do crânio e dos membros superiores (ENCARNAÇÃO e DUARTE, 1999).

A análise comparativa com outras necrópoles peninsulares de cronologia definida levou à suposição de se estar perante uma necrópole Paleocristã, o que foi confirmado pelo resultado da datação química de um esqueleto, situando-a nos finais do Séc. VII a inícios do VIII.

2.6. Outros

Foram, também identificados mais dois sítios arqueológicos, cujos materiais recolhidos remetem para uma ocupação em época romana. Alfragide – FAP, de onde é proveniente um fragmento de cerâmica *terra sigillata* africana e a Quinta da Lage / Quinta do Estado (ENCARNAÇÃO, e DIAS, 2015). A Quinta da Laje localiza-se numa área próxima da *villa* romana da Quinta da Bolacha e do Moinho do Castelinho. Os trabalhos aí desenvolvidos decorreram no âmbito de minimização de impactes, e a área escavada não permitiu a caracterização das ocupações antigas do sítio. Recuperaram-se materiais romanos do período republicano e imperial e identificou-se um empedrado em basalto, cuja funcionalidade não foi possível averiguar (*Ibidem*).

Conhecemos, ainda, a existência de um cipo ou cupa e de um sarcófago romanos reaproveitados na

construção de uma casa moderna na designada Aldeia da Falagueira (*Ibidem*).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, o estado atual dos conhecimentos acerca do povoamento em época romana na Amadora esteve, até à data, limitado aos trabalhos arqueológicos de emergência realizados nos últimos anos. O impacto do desenvolvimento urbano e as limitações da arqueologia preventiva levam a uma informação parcellar sobre os sítios.

No entanto a importância dos dados recuperados nos últimos anos conduz a uma necessidade de saber mais sobre as formas de ocupação e exploração do território, justificando o presente projeto.

Os trabalhos arqueológicos de carácter emergente realizados nas últimas décadas pelos técnicos do Museu Municipal de Arqueologia da Amadora permitiram reunir um conjunto de dados e a recuperação de espólio demonstrativos da existência de uma rede de povoamento na Amadora durante o período romano. É com base nessa informação que se pretende o desenvolvimento de um projeto plurianual com o principal objetivo de empreender um estudo intensivo sobre a ocupação da Amadora em época romana, que conduza à definição dos modelos de povoamento no atual Concelho.

Para tal, serão realizadas ações de prospeção em todo o território que permitam a identificação de sítios, caracterização e inventário de novos sítios, com recurso a meios de georreferenciação e realocização de sítios.

Ao nível da utilização de SIG, além do inventário georreferenciado, procederemos à elaboração de modelos preditivos que permitam uma adequada leitura do terreno e da evolução da paisagem romana em diferentes épocas, com a localização de novos pontos de povoamento.

Serão promovidas campanhas de escavação arqueológica nos sítios que apresentem maior potencial arqueológico, nomeadamente naqueles que já foram alvo de intervenções em anos anteriores e que revelaram realidades arqueológicas conservadas e em perigo de destruição, como é o caso do sítio do Moinho do Castelinho, da *villa* Romana da Quinta da Bolacha e da Quinta da Lage / Quinta do Estado. O estudo dos materiais arqueológicos terá como objetivo perceber padrões de consumo, de importação e cronologias de ocupação dos espaços. O conjun-

to de esqueletos exumados nos sítios do Moinho do Castelinho e na Serra de Carnaxide – Via F permitirão a realização de estudos paleobiológicos e paleopatológicos, bem como outro tipo de análises químicas em parceria com unidades de investigação de antropologia.

Outro objetivo do projeto será a procura de paralelos e integração dos resultados obtidos na realidade conhecida para o território envolvente, nomeadamente nos concelhos de Oeiras, Cascais, Loures e Lisboa, que permitam perceber de que forma se operou a ocupação e o estabelecimento do povoamento romano no *ager* de Olisipo. A reunião e análise desses dados possibilitarão a definição de modelos de ocupação e exploração do território da Península de Lisboa em Época Romana.

Através da manutenção de protocolo com a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, o projeto PERA permitirá a integração de investigadores colaboradores e a formação e aquisição de competências dos alunos dos 1º e 2º ciclos do curso de Arqueologia. Além de investigadores pertencentes a esta instituição, o projeto conta com uma equipa pluridisciplinar, que integra profissionais de vários centros de investigação nacionais. Todos os esforços referidos terão sempre em atenção a promoção e divulgação do património arqueológico do Concelho, através da preservação dos sítios intervencionados, e da realização de exposições temáticas, atividades e visitas guiadas regulares aos sítios.

BIBLIOGRAFIA

COELHO, António dos Santos (1982) – *Subsídios para a História da Amadora*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.

CRAVINHO, Graça; ENCARNAÇÃO, Gisela; DIAS, Vanessa (2017) – Uma Peça Glíptica proveniente do Sítio Arqueológico do Moinho do Castelinho, (Amadora). *Al-madan Online*. II série, nº 21, tomo II. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. pp. 28-32.

CRAVO, J. (1979) – Amadora. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 2, pp. 24-25.

DIAS, Vanessa; ENCARNAÇÃO, Gisela (no prelo) – A Necrópole Romana do Moinho do Castelinho, Amadora (Portugal). In *Actas da Reunión de Arqueologia Madrileña*. Madrid: Colégio de Arqueólogos de Madrid.

ENCARNAÇÃO, Gisela; DUARTE, Cidália (1999) – *A Necrópole Paleocristã do Casal de São Brás. Relatórios 5*. Amadora: ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora.

- ENCARNAÇÃO, Gisela; MIRANDA, Jorge; ROCHA, Eduardo (1999) – *Do Paleolítico ao Romano. Catálogo da exposição*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- ENCARNAÇÃO, Gisela (2003a) – *Villa romana da Quinta da Bolacha. Relatório dos trabalhos arqueológicos. Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados entre Março e Setembro de 2000 e Julho a Setembro de 2001*. [Texto policopiado]. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- ENCARNAÇÃO, Gisela (2003b) – A villa romana da Quinta da Bolacha. Um caso de Arqueologia Urbana. In *Actas do Quarto Encontro de Arqueologia Urbana*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora/ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora.
- ENCARNAÇÃO, Gisela (2004) – *Villa romana da Quinta da Bolacha. Amadora. Relatório da avaliação do impacto causado por obras realizadas no Sector III. Relatório dos trabalhos de preservação e conservação de estruturas realizados no Sector I. Julho e Setembro de 2004*. [Texto policopiado]. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- ENCARNAÇÃO, Gisela (2009) – *A arqueologia na história da Amadora*. Catálogo. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- ENCARNAÇÃO, Gisela; BRITO, Sara (2010) – *Serra de Carnaxide – Via F. Relatório final dos trabalhos arqueológicos efectuados entre março e outubro de 2009*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- ENCARNAÇÃO, Gisela (2011) – Património Arqueológico da Amadora. In *Escola Aberta do Património*. Comunicações Janeiro de 2009 a Novembro de 2010. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- ENCARNAÇÃO, Gisela (2012) – *Moinho do Castelinho. Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados entre 13 de Outubro de 2011 e 20 de Janeiro de 2012* [Texto policopiado]. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- ENCARNAÇÃO, Gisela (2013) – *Moinho do Castelinho. Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados entre 2 e 26 de julho de 2012*. [Texto policopiado]. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- ENCARNAÇÃO, Gisela (2014) – *Moinho do Castelinho. Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados entre 1 de julho e 4 de novembro de 2013*. [Texto policopiado]. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- ENCARNAÇÃO, Gisela (2015a) – *Moinho do Castelinho. Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados entre 17 de junho e 28 de outubro de 2014* [Texto policopiado]. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- ENCARNAÇÃO, Gisela (2015b) – *Villa Romana da Quinta da Bolacha. Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados nos dias 28 e 29 de maio de 2014* [Texto policopiado]. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- ENCARNAÇÃO, Gisela (2016a) – *Moinho do Castelinho. Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados entre 13 de junho e 17 de novembro de 2015* [Texto policopiado]. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- ENCARNAÇÃO, Gisela (2016b) – *Villa Romana da Quinta da Bolacha. Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados entre 13 e 31 de julho de 2015*. [Texto policopiado]. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- ENCARNAÇÃO, Gisela e DIAS, Vanessa (2015) – *Moinho do Castelinho. Um sítio a descobrir*. Catálogo de exposição. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- ENCARNAÇÃO, Gisela [et al.] (2016) – *Moinho do Castelinho. Trabalhos arqueológicos realizados entre 2011 e 2015. Relatórios, 9*. Amadora: ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora.
- MIRANDA, Jorge; ENCARNAÇÃO, Gisela (1997) – *Villa romana da Quinta da Bolacha – Amadora. Proposta de metodologia de proteção. Parecer sobre a viabilidade de construção. Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados entre 27/3/97 e 31/5/97* [Texto policopiado]. Amadora: Gabinete de Arqueologia Urbana/Associação de Arqueologia da Amadora.
- MIRANDA, Jorge; ENCARNAÇÃO, Gisela (1998) – *Villa romana da Quinta da Bolacha. Campanha de Abril/Maio de 1997. Relatórios, 4*. Amadora: Gabinete de Arqueologia Urbana / Associação de Arqueologia da Amadora.
- MIRANDA, Jorge Augusto; ENCARNAÇÃO, Gisela; VIEGAS, João; ROCHA, Eduardo; GONZALEZ, António (1999) – *Do Paleolítico ao Romano: catálogo*. Amadora: Museu Municipal de Arqueologia / Câmara Municipal da Amadora.
- MIRANDA, Jorge; ENCARNAÇÃO, Gisela; Viegas, João; ROCHA, Eduardo; GONZALEZ, António (1999) – *Carta Arqueológica da Amadora – do Paleolítico ao Romano*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- QUARESMA, José Carlos [no prelo] – *Quinta da Bolacha (Amadora, Lisbonne): la céramique de la villa depuis le dernier tiers du IIIe s. jusqu'au premier quart du VIe s.*
- VIEGAS, João; GONZALEZ, António (1996) – *Aqueduto Romano da Amadora. Relatórios, 2*. Amadora: ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora.



Figura 1 – Levantamento Aerofotográfico de 2009 com identificação dos sítios de cronologia romana identificados na Amadora (Museu Municipal de Arqueologia / Câmara Municipal da Amadora).

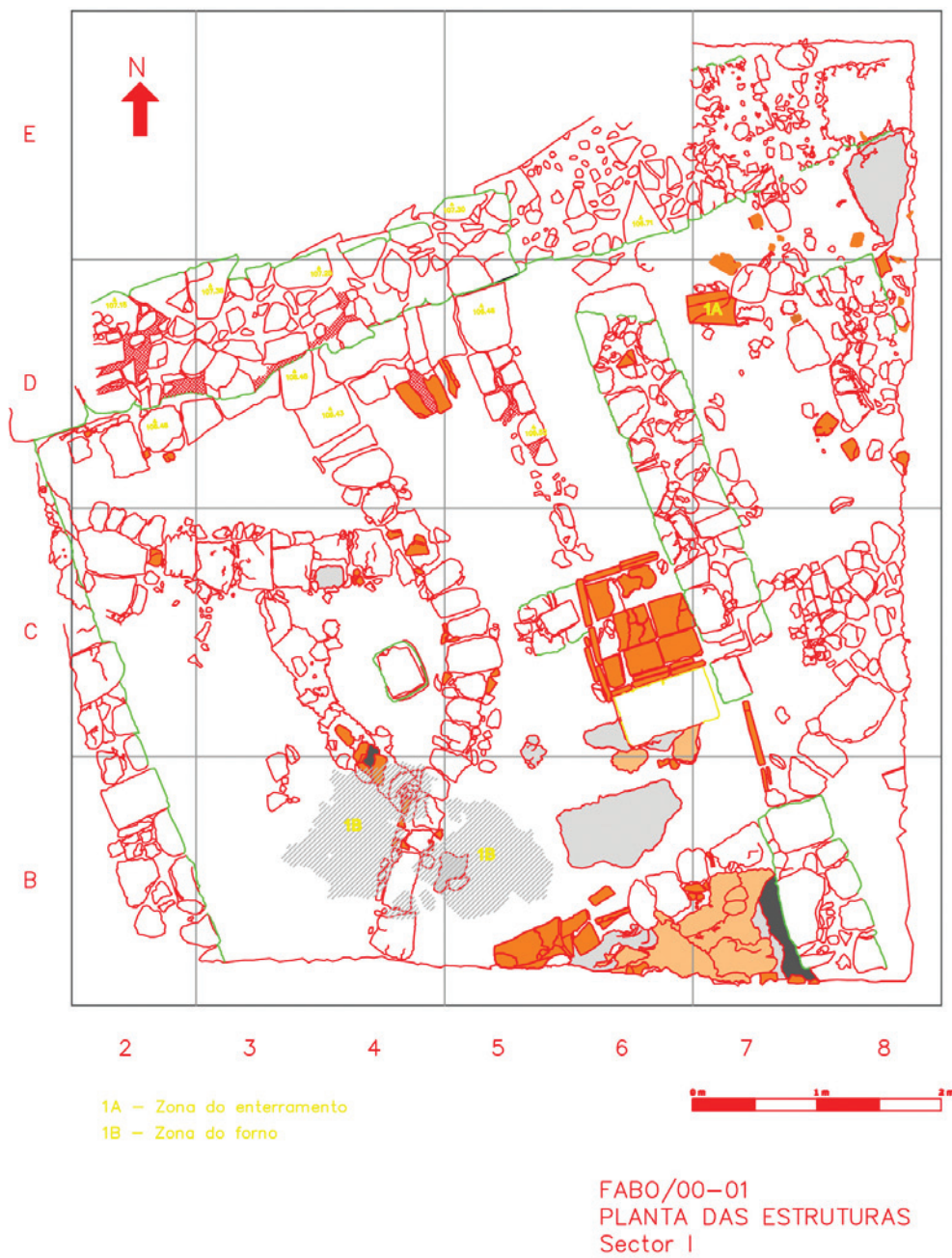


Figura 2 – Planta Geral do Setor I da *Villa* Romana da Quinta da Bolacha (Museu Municipal de Arqueologia / Câmara Municipal da Amadora).



Figura 3 – Área da cozinha da *Villa Romana da Quinta da Bolacha* (Museu Municipal de Arqueologia / Câmara Municipal da Amadora).

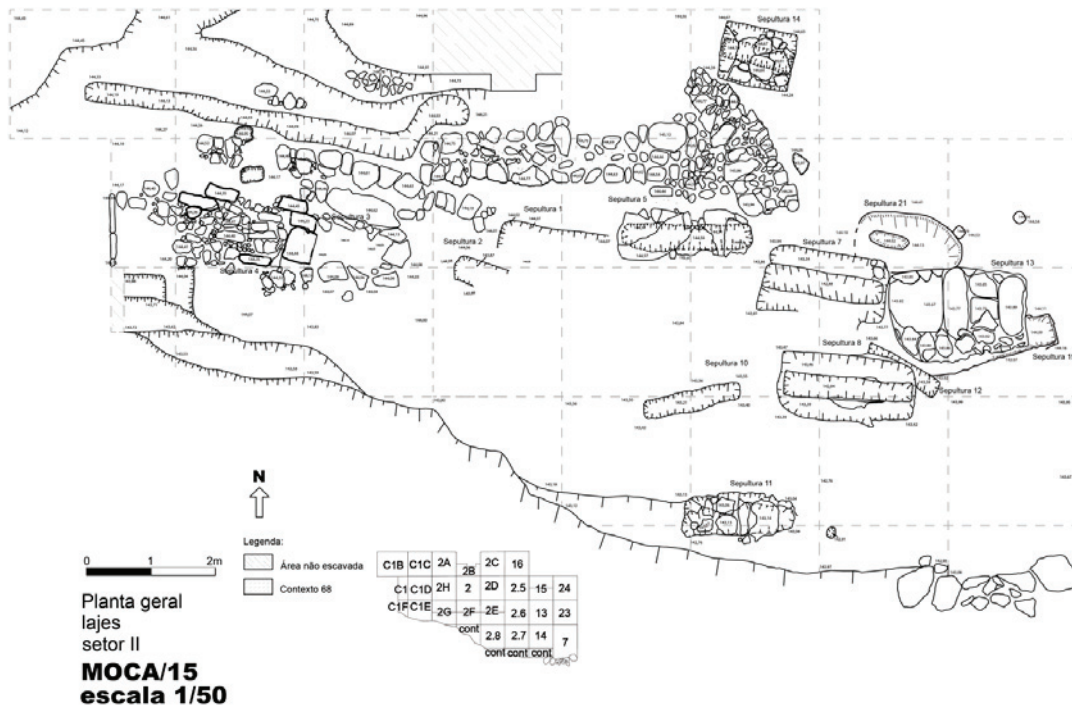


Figura 4 – Planta geral do Setor II do Sítio Arqueológico do Moinho do Castelinho (Museu Municipal de Arqueologia / Câmara Municipal da Amadora).



Figura 5 – Sepultura 17 (Museu Municipal de Arqueologia / Câmara Municipal da Amadora).



Figura 6 – Aqueduto Romano da Amadora (Museu Municipal de Arqueologia / Câmara Municipal da Amadora).



Figura 7 – Pormenor do Aqueduto Romano da Amadora (Museu Municipal de Arqueologia / Câmara Municipal da Amadora).

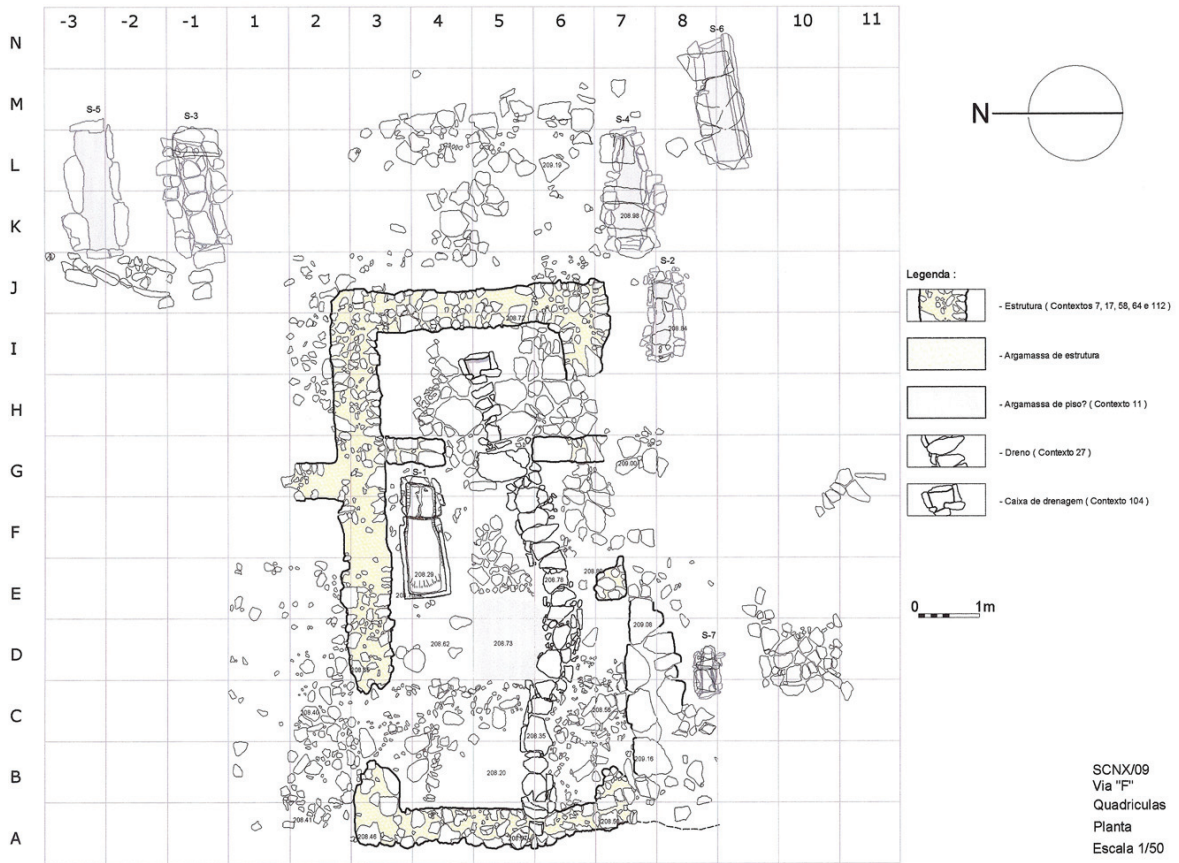


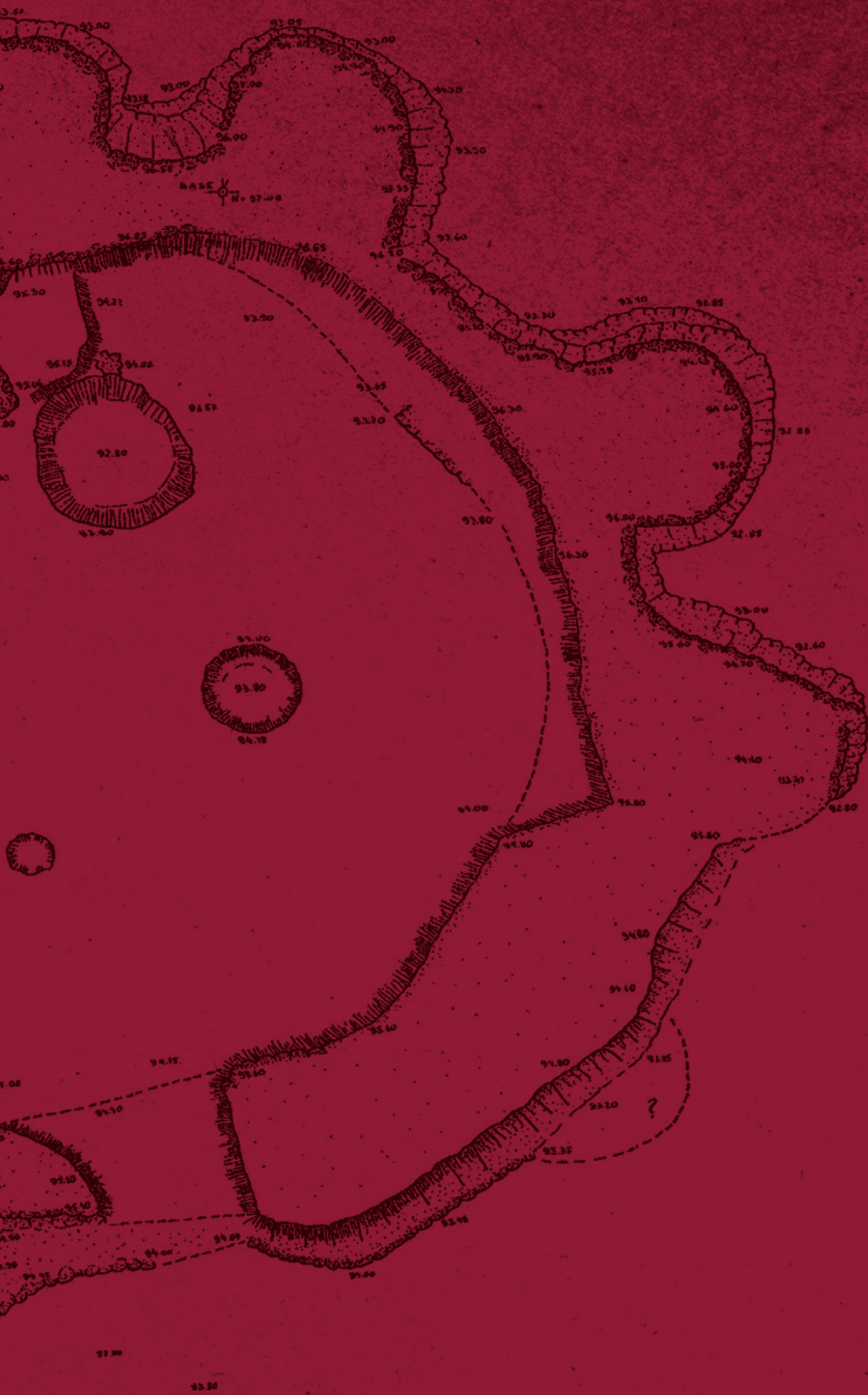
Figura 8 – Planta geral das estruturas da Serra de Carnaxide – Via F (Museu Municipal de Arqueologia / Câmara Municipal da Amadora).



Figura 9 – Pormenor de uma das sepulturas (Museu Municipal de Arqueologia / Câmara Municipal da Amadora).



Figura 10 – Sepultura 7 da necrópole do Casal de São Brás (Museu Municipal de Arqueologia / Câmara Municipal da Amadora).



Patrocinador oficial